

## Novo materialismo e não humanização Entrevista com Jussi Parikka por Michael Dieter<sup>1</sup>

*New Materialism and Non-Humanisation  
An Interview With Jussi Parikka by Michael Dieter*

---

### Jussi Parikka

Teórico finlandês de novas mídias e professor de Cultura Tecnológica e Estética na Escola de Arte de Winchester. É também docente de Teoria da Cultura Digital na Universidade de Turku, na Finlândia. Seus livros abordam uma ampla gama de tópicos que contribuem para uma compreensão crítica da cultura da rede, estética e arqueologia das mídias. Entre suas obras estão: *Digital Contagions* (2007), *Insect Media* (2010), *What is Media Archaeology* (2012) e *A Geology of Media* (2015). Parikka mantém um blog: <http://jussiparikka.net>

### Michael Dieter

Professor assistente da Universidade de Warwick. Suas pesquisas enfocam as práticas de publicação pós-digitalização, as técnicas culturais na interface e no *design* da experiência do usuário e as genealogias da mídia na interseção do pensamento estético e político.

### Tradução

#### Julio Bezerra

Pós-doutorando da Escola de Comunicação da UFRJ

Submetido em: 05/08/2018

Aceito em: 20/08/2018

---

<sup>1</sup> Publicado originalmente em KASPRZAK, Michelle (ed.). *Speculative Realities - V2\_ PRESENTS BLOWUP READER #6*. Rotterdam: Institute for the Unstable Media, 2013, pp. 23-36. Disponível online em: <http://v2.nl/archive/articles/new-materialism-and-non-200bhumanisation>

**Michael Dieter (MD):** Existe uma virada “materialista”, “realista” ou “não-humana” no pensamento contemporâneo? Se sim, como você posicionaria seu trabalho em relação a essas tendências e o que está em jogo em tais termos?

**Jussi Parikka (JP):** Esta é definitivamente a alegação que tem sido fortemente expressa a partir de uma série de diferentes direções ao longo dos últimos anos. Temos vários testemunhos de tal ênfase em discussões teóricas, de conferências como a recente em Milwaukee, organizada pelo Center for 21st Century Studies (“The Nonhuman Turn”, em maio de 2012) a publicações, *posts* em blogs e livros. “New Materialism” teve sua quarta conferência este ano (2012) - a primeira em 2010 na Anglia Ruskin University em Cambridge, e agora este ano em Turku, na Finlândia. Perspectivas orientadas aos objetos estão sendo repetidamente mencionadas em eventos e fóruns.

De fato, o não-humano agora recebeu uma voz - várias vozes - que é articulada através de uma série de plataformas, e com diferentes facções, a ponto de haver algo *Monty Pythonesco* sobre tudo isso. Estou pensando aqui em *A vida de Brian* (Life of Brian, 1979) e nas discussões confusas entre a Frente Popular da Judeia e a Popular Frente da Judéia e outros grupos. Se considerarmos as várias frentes do materialismo, do realismo e do não-humano, eles parecem concordar que a política do simbólico, da representação e da significação alcançaram uma situação sem saída. Elas são capazes de falar sobre humanos/natureza/Ecologia/não-humanos apenas na medida em que essas questões estejam incorporadas nas estruturas simbólicas/de poder dos interesses humanos. De fato, pode-se encontrar essa ideia na ontologia orientada aos objetos (OOO), com destaque para a filosofia de Quentin Meillassoux, o projeto mais amplo do realismo especulativo, as novas filosofias materialistas que se articulam como ideias diversas como a de Rosi Braidotti, de Manuel Delanda e muitos outros. Filósofos como Catherine Malabou também articularam coordenadas ontológicas para o “novo materialismo” em relação às neurociências como um desafio ao discurso da teoria. Kared Barad tem sido instrumental em relacionar a teoria quântica ao materialismo feminista, bem como em lançar uma maneira excitante de entender as emaranhadas materialidades nas quais conhecemos ontologicamente os não-humanos. Mas também podemos concordar com as primeiras discussões sobre estudos culturais entre Stuart Hall e Lawrence Grossberg - uma discussão que não tem sido

considerada nos últimos anos, apesar das ideias teóricas úteis que Grossberg promoveu como "materialismo espacial"<sup>2</sup>. Desde os anos 80, já existiam posições teóricas tão fortes que ofereciam críticas de bases epistemológicas e empíricas dos estudos culturais e midiáticos. Isso aconteceu mesmo dentro dessas disciplinas, um fato muitas vezes esquecido nos dias de hoje. E os teóricos críticos em geral investigaram materialidades confusas e suas implicações para métodos, redes de atores, relações homem-animal. O mesmo se aplica à teoria da mídia que se opunha vocalmente, por exemplo, a uma ênfase hermenêutica nos significados (humanos). Este último ponto relaciona-se, é claro, com a teoria de mídia alemã e, por exemplo, Friedrich Kittler, cujo projeto, desde os anos 1980, pelo menos, tinha como objetivo expulsar o "humano" das humanidades.

Em outras palavras, precisamos ser capazes de historicizar o recente entusiasmo pela materialidade em termos muito mais fortes do que fizemos até agora. Não é tudo novo e recente, seja em que meio for, mesmo que possa haver algo novo hoje sobre como abordar alguns tópicos. Eu, por exemplo, aprecio o trabalho de Braidotti e sua maneira de escrever. Em uma recente entrevista contida no livro *New Materialism* (2012), editado por Rick Dolphijn e Iris van der Tuin, ela alerta ao leitor que a geração pós-estruturalista tinha suas próprias discussões sobre materialidade e nos exige a necessidade de lidarmos com o legado marxista: de um lado, redefinindo-o (o neo-materialismo de Foucault), e, do outro, tentando descobrir uma maneira de explicar a "materialidade do signo", como fizeram Barthes e Lacan. Braidotti também foi quem desde cedo apontou para o fato importante de que muitos dos primeiros debates em torno da materialidade estavam embutidos num "consenso teórico-político" (para usar as palavras dela) que fazia com que esse materialismo de práticas significantes fosse "uma necessidade e uma banalidade para alguns pós-estruturalistas" (Dolphijn e Van der Tuin 2012, p. 20). Dois pontos importantes então: precisamos ser capazes de investigar as longas histórias da materialidade como termo, e também os longos legados do pensamento não-humano que definitivamente não começaram nos últimos dois anos.

Pra mim, a questão da materialidade está relacionada à do não-humano e isso é um ponto significativo dos meus interesses teóricos. Não tenho certeza se sou capaz de usar o termo "realismo", mesmo que concorde com vários pontos que seus defensores levantam:

---

<sup>2</sup> Ver Wiley (2005).

definitivamente existe um mundo lá fora! No entanto, eu trabalho menos como filósofo do que como um teórico/analista de mídia, com o interesse em investigar a existência temporal e histórica concreta dos não-humanos. O que implica uma dupla articulação: primeiro, como estabelecer o conhecimento sobre os não-humanos como significativo - em outras palavras, quais são as condições de existência para nosso conhecimento e teorias do não-humano - e, segundo, que o não-humano não é redutível ao nosso conhecimento sobre ele. Esses dois pontos estão absolutamente emaranhados, e investigar as forças epistemológicas-tecnológicas que lhe dão forma em relação aos processos sociais não tira nada da realidade do não-humano. Articulações com animais, ecologia, tecnologias, genes, vírus, rochas, minerais, durações da Terra, fenômenos cósmicos e muito mais têm seu status histórico como objetos dentro de interesses políticos e econômicos, permanecendo, contudo, irreduzíveis a tais configurações. Além disso, o que me interessa são as formações científico-tecnológicas que, por si mesmas, são não-humanas e, no entanto, dão as coordenadas humanas para a compreensão do não-humano. Deixe-me explicar um pouco mais: por exemplo, visualizações ou sonificações de digamos, fenômenos microscópicos ou durações ecológicas são parte integrante de tais epistemologias que não poderiam ocorrer sem serem fornecidas por tecnologias avançadas, que funcionam de tal forma que são irreduzíveis a mundos fonológicos humanos. As tecnologias avançadas veem e percebem de maneiras muito diferentes, assim como nossos computadores "normais" já fazem. O conhecimento, por exemplo, de temporalidades não-humanas intensivas como a mudança climática - um "objeto" epistemológico realmente estranho - é completamente dependente da modelagem baseada em supercomputadores e computadores, como observaram estudiosos como Wendy Chun (2011).

Em meus escritos, tentei mobilizar agências não-humanas, como vírus e insetos, como formas de investigar a matéria. No entanto, tenho me interessado em analisar historicamente essas dimensões da epistemologia e da ontologia; uma arqueologia midiática de vírus, bem como de insetos, por exemplo. Em *What is Media Archaeology?* (2012), eu queria reconhecer a existência de várias materialidades nos debates da teoria atual. De fato, o que me interessa é o entrelaçamento de teorias políticas que falam de afetos e não-humanos em relação, por exemplo, ao trabalho e ao neoliberalismo, mas também devemos reconhecer a existência de preocupações ecológicas. A grande questão é como poderíamos cruzar tais tradições de

materialismo político como uma investigação pós-fordista revitalizada, juntamente com os projetos ontológicos relacionados aos animais e à natureza. Alguns filósofos inteligentes como Braidotti fazem isso - apontando para, na mesma frase, as explorações massivas de animais e mulheres nas economias globais atuais.

**MD:** Em seu trabalho recente, você sinalizou a necessidade de confrontar a “sujeira” (poluição, desperdício, destruição ecológica) em um gesto para a ética *espinosista*. Quais são algumas das dificuldades em elaborar uma política na interseção entre mídia, materialismo e ecologia?

**JP:** Eu concordo com muitos teóricos recentes do não-humano, incluindo o grupo da OOO, de que há um certo sentimento sem saída para o trunfo da “política”. Eu senti esse mesmo problema durante meu período de doutorado (trabalhando com a cultura de software, vírus, acidentes tecnológicos) ao tentar articular minha própria posição em relação à crítica representacional em estudos culturais e midiáticos: como se comprometer com uma política de gênero, raça e outras desigualdades constitutivas que estruturam o social, sem usar essas categorias como um trunfo? Eu tive a mesma sensação diante de alguns dos comentários que recebi sobre o meu trabalho a respeito da agência do software: “Então, onde está o gênero, onde está a raça?” Essas questões foram colocadas sem seguir a ênfase importante dos estudos culturais em métodos situados - você não pode usá-los como modelos predefinidos ou selos de 'Crítica', mas precisa investigar imanentemente os “assuntos de interesse” (“‘matters of concern” - para usar o conceito de Latour) e investigar primeiramente qual é a questão relevante especificamente em relação a diferentes materialidades e processos sociais.

O que não descarta todas as questões de gênero, as quais eu reluto em deixar para trás. Sou um teórico inflexivelmente feminista na esteira do materialismo expandido de Elizabeth Grosz, Braidotti e, por exemplo, Barad, e, exatamente por isso, sinto a necessidade de encontrar uma relação imamente com a política. Suas abordagens são fantásticas na medida em que empurram constantemente questões de gênero, sexualidade e desigualdade para essas conexões transversais que ligam os estudos das mulheres a estudos com animais, ecologia, capitalismo e assim por diante.

Em termos de pensamento sobre política, acredito que uma posição comparável foi expressa recentemente por McKenzie Wark. Para além de uma política fantasiosa, há questões que exigem algum tipo de resposta que não pode simplesmente ser escondida por trás de um termo vago como "política". Wark nos lembra que coisas como capitalismo, exploração, opressão, desigualdade e crises climáticas existem, mas que precisamos estar prontos para "inventar novas práticas, aproveitando experiências passadas, que podem ajudar, mas sem invocar a fantasia protetora da política, que não é mais real do que Deus" (2012).

Pra mim, isso se relaciona com práticas específicas que também elaboram o lado feio da matéria. A exploração e a exaustão são únicas - os corpos são finitos, facilmente desgastados, deprimidos e a dinâmica da matéria pode ser bastante lenta. Considero importantes as anotações de Bifo sobre esse aspecto do capitalismo neoliberal. É uma postura ecológica em relação ao materialismo, onde o materialismo abstrato do capitalismo global - seja de rotas comerciais, contêineres de navios ou, por exemplo, cabos de fibra ótica, satélites e outras materialidades baseadas em sinais - tem relação com outras escalas de materialidade, por exemplo, a modulação psico-farmacêutica do humor: o uso de antidepressivos e outros produtos químicos como parte integrante da gestão do assunto cultura em rede (Berardi 2009).

E então, coisas não-humanas também podem ser "ruins". Materiais tóxicos, poluidores e perigosos são algo que também precisam de atenção - um materialismo sujo que ressoa com a "matéria vibrante" de Jane Bennett, mas também mata as coisas. Com isso, quero dizer que a agência dinâmica da matéria, sua agência refrescante que inspira os teóricos, também tem essa realidade da qual precisamos estar conscientes. O materialismo das tecnologias de mídia inclui também - além das frequências não-humanas, velocidades e a complexidade matemática de computadores, por exemplo, substâncias químicas e materiais perigosos que vazam para a natureza após serem abandonados. Trabalhadores mal pagos são empregados em condições que são diretamente perigosas para sua saúde. Kittler (1990) produziu sua teoria do materialismo da mídia e do chamado ser humano sobre a figura do Dr. Schreber, o juiz da corte nervosamente doente que alucinou o que para Kittler foi a mídia técnica emergente do final do século XIX que se inscreve em nossa carne e anota nossas ações e pensamentos mais minuciosos. Este corpo definidor da técnica midiática moderna precisa agora ser substituído

por um tipo diferente de corpo paradigmático: o do trabalhador chinês mal pago, cujo corpo é mais vulnerável à matéria tóxica da mídia. Seu corpo, materialmente, em seu tecido orgânico, registra de que são feitos os meios: chumbo, cádmio, cobre, mercúrio, bário e assim por diante. As alucinações não conscientes de Schreber são substituídas nessa sugestão pelas camadas corporais não-conscientes e não-voluntárias de tecido nas quais a materialidade é registrada.

**MD:** Como o humanismo vem sendo concebido por esses novos paradigmas depois do "humano"? Apesar da constante ênfase nas coisas, objetos, matéria e não-humanos, por exemplo, muitas vezes parece que muitas das chamadas novas teorias materialistas se resolvem em visões de mundo específicas.

**JP:** De fato, a questão é: como coordenar o questionamento do humano e do não-humano em relação ao nosso interesse teórico na materialidade, realidade, coisas e processos. Eu argumento que uma das principais questões de que precisamos constantemente nos lembrar tem a ver com como o próprio humano é completamente não-humano. O humano é uma idealização, e as Humanidades, com certeza, tem sido uma expressão muito eficaz nesse sentido. Este não-humano das humanidades está relacionado a uma observação muito empírica a respeito da quantidade de "coisas" que compõem o ser humano como algo muito sujo, bagunçado e estranhamente funcional: as bactérias que nos sustentam; os exoesqueletos de tecnologia de que fala Bernard Stiegler, a externalização de nossas características definidoras, como a memória. Como Kittler (1999) nos alerta em sua espirituosa expressão: nós deveríamos falar do "assim chamado ser humano". Ou então, considere Simondon. Como Muriel Combes articula no livro recentemente traduzido *Gilbert Simondon and the Philosophy of the Transindividual* (2012), talvez Simondon deva ser visto como articulando a ideia de um "humanismo após a morte do homem" e sem o humano a ser construído sobre as ruínas da antropologia" (2012, p. 50). Ela continua: "Um humanismo substituindo a questão kantiana 'O que é o homem?' pela a pergunta: 'Quanto potencial um ser humano tem para ir além de si mesmo?' e também 'O que um humano pode fazer na medida em que não está sozinho?'" (2012, p. 50). Essas são questões belas e importantes que também se conectam exatamente aos interesses de nossas investigações empíricas.

Fui desde cedo fã da ideia de Latour de nunca termos sido humanos, o que deveríamos agora investigar em relação aos nossos discursos teóricos: quem, na verdade, era "para" o mundo puramente humano, e podemos tão inflexivelmente reivindicar que somos apenas teóricos do não-humano? Quantos debates teóricos atuais parecem direcionados contra homens e mulheres de palha?

Uma das coisas importantes de que precisamos estar conscientes é não ficarmos presos em debates internos de teoria. A discussão sobre realismo, materialismo e não-humano deveria ser uma maneira de sair das salas de seminários acadêmicos - da mesma maneira que Gilles Deleuze e Félix Guattari queriam nos transportar para longe da abafada sala de terapia psicanalítica e do sofá para o ar livre - e realmente falar sobre as coisas. Ainda precisamos nos perguntar como evitar que a teoria se torne um exercício de marca que expresse algo da atual crise da universidade. Como a teoria pode se tornar mais auto-reflexiva da posição em que fala de não-humanos? Se o humanismo acompanhou o nascimento do sistema universitário no início da Europa Moderna, o não-humano (ismo) é algo que está acompanhando nossas mudanças atuais nos sistemas de universalidade em todo o mundo? Estou aqui exagerando sua significância, e definitivamente não estou dizendo que está causando essa grande mudança, mas apenas que é preciso estar ciente de algumas das discussões em torno da teoria como indiciais, sintomáticas de mudanças mais amplas em termos de nossa economia política das universidades. Dito isto, o verdadeiro sintoma das transformações globais diz respeito ao gerencialismo das universidades. Refiro-me não apenas às mudanças nas estruturas e procedimentos internos das universidades - e obviamente estou falando principalmente de minhas experiências dos últimos cinco anos no Reino Unido -, mas também em termos de disciplina, a crescente centralidade da administração e dos negócios nos cursos de formação.

Em termos gerais, precisamos considerar a não-humanização como uma estratégia econômica e de gestão. Além de celebrar a importância teórica do não-humano, eu acredito que precisamos ser bastante observadores de como as pessoas são empurradas para o esgotamento físico e mental como parte da gestão do trabalho, tanto no chamado capitalismo cognitivo da economia digital desenvolvida, quanto nos processos físicos de exploração laboral da qual nossa vida depende com frequência: fábricas terceirizadas na China e outros locais de mão-de-obra barata, com condições de trabalho perigosas e degradantes, exploração de vários



tipos, desde a sexual até a exaustão. O não-humano é também uma estratégia de gestão sombria, uma metodologia de exploração. Com isso, não quero dizer que as teorias não-humanas contribuam para isso, ou negligenciem esse aspecto - mas que, na agenda do não-humano, também deveria haver muitos humanos.

**MD:** A prática artística sempre foi central nos estudos de novas mídias; você também explorou aspectos da arqueologia mediática conduzidos por profissionais. Como teórico, como você se engaja e conceitua o trabalho artístico? Isso envolve, por exemplo, questões de método?

**JP:** A relação simbiótica do teórico e do artista da nova mídia é bizarra e outras pessoas são melhores em rastrear a genealogia dessa constelação específica de conhecimento. "Você faz grandes coisas, então eu posso escrever sobre elas, e você pode fazer mais coisas sob o guarda-chuva da prática crítica que emprega minhas teorias". Mas, seriamente, o trabalho artístico é um bom vetor para o pensamento; e em relação ao não-humano e ao novo materialismo, eu acho que muitos praticantes são "teóricos" mais interessantes do que os que escrevem livros. Pra mim, a questão do novo materialismo tem a ver com sensibilidade para trabalhar com/na matéria: mídia biológica, práticas de hardware sujas como *Microresearch Lab* (Berlin / London), o projeto *Algorhythmics* de Shintaro Miyazaki, *Weise 7-studio* e o *Critical Engineering-bunch*, diferentes tipos de projetos de arte que lidam, por exemplo, com o clima, assim como com o que poderia ser chamado de psicogeofísica - uma série de fenômenos fora da temporalidade humana. Na minha opinião, alguns dos melhores projetos com os quais trabalhei foram ideias colaborativas com artistas. Eu quero mencionar especialmente o trabalho com Garnet Hertz (2012) que gerou o texto "Zombie Media", mas que representou em si uma mudança na maneira como entendo *design* e prática artística e sua relação com a ecologia. Isso abriu uma nova agenda na minha cabeça sobre o materialismo midiático que foi então catalisado, é claro, por teóricos como Sean Cubitt, que já haviam trabalhado em temas relacionados à ecomídia.

Estou interessado em metodologias artísticas materiais que, por meio de métodos difíceis, adotam uma postura em relação, por exemplo, ao hardware. Vários artistas arqueólogos da mídia trabalham assim. Paul Demarinis é para mim exatamente um

experimentador com as possibilidades materiais das coisas. Erkki Huhtamo uma vez cunhou-o como "pensar" ("thinker"), uma mistura de pensar e mexer. Pra mim, a parte importante é a preservação do espírito de manipulação que oferece uma maneira mais importante de abordar a economia digital do que a ênfase idealizada - e agora no Reino Unido hegemônica - no software (proprietário) no centro do jargão da inovação que nos rodeia através de escolas de administração e de negócios, mas que também está rastejando para dentro das escolas de arte e também das humanidades.

É difícil conceituar o trabalho artístico, e não tenho certeza se ele sempre precisa disso. Isso não significa que esses métodos artísticos devam ser deixados apenas para fazer suas coisas, respeitando sua natureza autônoma. Eu acho que a simbiose é ótima e é uma espécie de metabolismo: uma troca de ideias, influências, direções. Apenas funciona em um tipo diferente de expressão do que em palavras. Argumentos estéticos fundamentais, por exemplo, as noções de policiamento do sensível de Jacques Rancière e a política da estética como alocação primária do que é, são de qualquer maneira, já mobilizadas em termos de prática estética. Vejo vários projetos de software e hardware investigando as condições do visual e, mais amplamente, do sensato, mas de maneiras muito concretas. Por exemplo, como as tecnologias de rede governam as orientações afetivas e sensíveis dos seres humanos em ambientes urbanos? Ou qual é a relação do algorítmico com o sensível humano?

MD: Matthew Fuller has written on art for animals - a notion that you have extended in terms of insect life. How can art specifically be defined in relation to new material-ism? How does this differ from post-Kantian aesthetics or twentieth century media theory?

MD: Matthew Fuller escreveu sobre arte para animais - uma noção que você estendeu em termos de vida de insetos. Como a arte pode ser especificamente definida em relação ao novo materialismo? Como isso difere da estética pós-kantiana ou da teoria da mídia do século XX?

JP: Você tem razão em dizer que minha ideia de "mídia de insetos" é basicamente uma noção esteticamente materialista que aborda a estética através da incorporação. Pense nisso como

uma continuação acadêmica e mídia-teórica de uma passagem do *Bestiário* de Guillaume Apollinaire:

Comparecendo a esta infecta tropas  
De mil pés, de cem olhos:  
Rotíferos, ácaros, insetos  
E micróbios mais magníficos  
As sete maravilhas do mundo  
E do palácio de Rosamundo!  
(Apollinaire, 1911/1980: 22)

Isso envolve um fascínio pelas maravilhas dessa encarnação alternativa, que não considera apenas os mundos dos micróbios e ácaros, mas tenta pensar o que significa ocupar tal posição para a arqueologia teórica e midiática. A perspectiva ecológica da mídia de Fuller (2005) fundamenta um ângulo estético não-humano através do qual uma certa noção deleuziana de "devir animal" se torna mobilizada nas práticas artísticas. Alcança um forte senso de valor metodológico. Minha abordagem de mídia de inseto está pegando carona nisso (Parikka 2011). A mídia de insetos é uma maneira de pensar nos modos de sensação não-humanos. De fato, trata-se de uma estética bem menor nas considerações iluministas da arte, mas tem a ver com modos de sensação, percepção, memória, encarnação que não se concentram na prioridade de seres com duas pernas, dois olhos, duas orelhas. O que não significa criar práticas de arte/*design* que sejam completamente estranhas ao ser humano, mas desenvolver uma sensibilidade para as maneiras pelas quais superfícies, sons e recursos visuais proporcionam capacidades para nossa sensação. Além de discutir tais figuras importantes da estética pós-kantiana e da teoria da mídia como Jakob von Uexküll, considero Simondon muito útil para nos fornecer ideias a respeito desse modo de pensar: ele nos dá um vocabulário de individuação, coletivos e meios que estão inter-relacionado e em co-constituição. Em outras palavras, Simondon apresenta a força da relação de tal forma que já se levanta a questão do midiático - não apenas por causa da conexão aparentemente direta da relação-meio, mas por causa das tecnologias midiáticas, como uma dessas relações-meio na qual a individuação acontece. É claro, Stiegler também fez avanços importantes em relação a essas ideias.

De qualquer maneira, a teoria da mídia do século XX já possui uma relação interessante com o biológico. Não é minha invenção; só precisa ser descoberta. Geoffrey-Winthrop Young, entre outros, tem se interessado por esse aspecto. Figuras como, por exemplo, von Uexküll estão sendo repensadas em relação à nossa ampla teoria da mídia e aos debates estéticos. Matteo Pasquinelli faz um ótimo trabalho sobre a genealogia da biopolítica na teoria da mídia, incluindo discussões sobre Ernst Haeckel e Kurt Goldstein, mas também sobre o "pensamento" não-humano de, por exemplo, uma levedura!

Os alemães estiveram à frente da curva em alguns aspectos com sua pesquisa meticulosa sobre a onda de estética pós-kantiana do século XIX - mas por meio de abordagens muito fisiológicas. Psicologia experimental e fisiologia já ofereciam formas empíricas e materiais de entender humanos e outros animais - medições baseadas em laboratório sobre o que exatamente acontece quando sentimos o mundo. Mesmo que consideremos esse reducionismo como uma teoria estética, precisamos entender o que ela traz para uma compreensão midiática do mundo. Às vezes, isso significa que a teoria da mídia deve encontrar uma sintonia comum com os estudos de ciência e tecnologia e, por meio dessas parcerias de investigação metodológica e teórica, oferecer compreensões da estética de novas maneiras históricas e midiáticas. Nesse sentido, o livro de Henning Schmidgen sobre Hermann von Helmholtz *Die Helmholtz-Kurven: Auf der Spur der verlorenen Zeit* (2010) é um ótimo exemplo.

**MD:** Debates sobre realismo especulativo, ontologia orientada aos objetos (OOO) e novo materialismo têm uma presença notável em plataformas de mídia social, *blogs* e periódicos de acesso aberto. Em sua experiência, que possibilidades e questões potenciais sobre a produção de conhecimento existem aqui, especialmente para a figura do intelectual?

**JP:** Essas tendências são um bom reconhecimento do fato de que a teoria não acontece apenas dentro de universidades e salas de aula. Ela precisa ser articulada em plataformas e fóruns que estão nos forçando a pensar em como e onde escrevemos como teóricos. Certamente, os periódicos de acesso aberto são instrumentais na tentativa de manter viva a pesquisa teórica e acadêmica, mas isso não é suficiente. A questão maior tem a ver com o sistema de reconhecimento mais amplo e a economia política das universidades e da publicação. Esse

aspecto é às vezes negligenciado no entusiasmo pela publicação aberta. Com certeza, é ótimo que novos periódicos abertos a públicos mais amplos estejam surgindo. Mas isso não tem necessariamente muito efeito sobre a academia como um ambiente de trabalho e um lugar para técnicas culturais de teoria. No Reino Unido, um dos maiores gargalos é a Estrutura de Avaliação de Pesquisa (REF), que tem a tendência de valorizar os editores e periódicos mais estabelecidos. É assim que as submissões do REF funcionam: por serem conservadoras em sua natureza e promoverem a economia política já definida da publicação, que é voltada para as grandes editoras universitárias americanas e, em seguida, para os editores de periódicos que lucram bastante com seu *status*. O lançamento de um novo diário de acesso aberto não é uma solução automática. Se você é um acadêmico iniciante - ou até mesmo um pesquisador estabelecido -, você não é encorajado a publicar em tais locais. Este não é apenas o caso da REF, mas de vários outros sistemas nacionais de reconhecimento de publicações acadêmicas, incluindo a Finlândia e, por exemplo, a Turquia. Tais estruturas são fundamentalmente um policiamento (novamente nos termos de Rancière) do mundo acadêmico: uma alocação de posições de poder, uma perspectiva gerencial para o conhecimento, bem como a criação de um certo “comum” (“commonness”) como um horizonte de mensuração da academia que pode ser efetivamente alocado e monetizado.

Com certeza, não é culpa da teoria que isso aconteça, mas saber se ainda encontramos as estratégias e ferramentas certas para lidar com essa economia política da academia na era neoliberal é outra questão. A mídia social é uma ótima plataforma para a articulação de problemas compartilhados, recursos e linhas de pensamento. E, no entanto, também consolida certos padrões comportamentais que têm ressonância com a mudança no *status* das instituições de ensino superior. Quanto à figura do intelectual, ou usemos um termo menos pomposo, “acadêmico”, acho que um desenvolvimento interessante e nem sempre pouco problemático é a demanda por autopromoção. Isso não é culpa dos *blogs*, mas a mídia social desempenha seu papel nisso. Ao mesmo tempo em que as universidades estão cada vez mais adotando o papel de corporação, em que um modelo de negócios é associado ao *status* de publicidade, os acadêmicos são encorajados a aumentar sua visibilidade. Nada de errado com isso, mas essa tendência também alimenta uma cultura de marca em que as plataformas de mídia social também são plataformas de desempenho - também para a teoria crítica. A vida

real de um teórico *queer* alimenta a credibilidade de sua teoria, e os *tweets* espirituosos de um teórico crítico são extensões agradáveis do livro recentemente publicado. O modelo das palestras do TED<sup>3</sup>, que assustadoramente são tão mal percebidas como o núcleo idealizado da academia, é exemplar desse sonho da atual nova academia: mais voltado ao público, mais performativo, mais divertido, com melhores piadas e conteúdo digerível em formatos curtos. Até os gestos, o estilo, a natureza mediatizada das palestras do TED, a cultura de relações públicas e consultoria está penetrando as expectativas em relação ao acadêmico também. Até os estudantes são orientados a esperar por isso. Os palestrantes mais engraçados obtêm um melhor *feedback*, o que ganha pontos com a gerência.

**MD:** Falando sobre essas medidas de desempenho e esses novos contextos de conhecimento e trabalho conceitual, depois de explorar vírus de computador, mídia de insetos e arqueologia midiática em geral, seu trabalho mais recente se preocupa com o capitalismo cognitivo e o conceito de técnicas culturais de Bernhard Siegert. Você pode elaborar essas preocupações e o que especificamente impulsiona essa nova linha de pesquisa?

**JP:** Eu fiz uma promessa informal para mim mesmo de que não usaria mais o termo “arqueologia das mídias” - pelo menos não em nenhum dos títulos dos meus futuros livros! Escrevi sobre vírus (Parikka, 2007), insetos e apenas recentemente sobre a teoria e metodologia da arqueologia das mídias, mas notei que usei muito o termo. No momento estou trabalhando com Geoff Winthrop-Young e Ilinca Iurascu em uma edição especial (em torno de 2013) sobre técnicas culturais - uma continuação da teoria de mídia alemã que produz uma variação diferente da de Kittler. Em suma, as técnicas culturais são, para usar a passagem tão frequentemente citada por Thomas Macho, o que precede nossos conceitos culturais fundamentais (2003). Práticas simbólicas como escrita, leitura e matemática (contagem), mas também encarnados como pintura e música. A ideia não é meramente uma reformulação do conceito antropológico de técnicas corporais de Marcel Mauss, mas uma espécie de continuação a enfatizar a importância de um papel que a mídia desempenha na fundamentação da “cultura”. Assim, como lembra Bernhard Siegert aos seus leitores, a noção de meio

---

<sup>3</sup> As palestras do TED ou TED Talks são pequenos e descontraídos vídeos de mais ou menos 20 minutos que introduzem assuntos interessantes ou inovadores em várias disciplinas e partes do mundo.

relaciona-se com as técnicas do corpo, mas mais amplamente com "operações ontológicas e estéticas que processam distinções" (2011, p. 14).

Algumas pesquisas realmente significativas da tradição alemã – grande parte ainda está por ser traduzida – estão sendo escavadas. E tenho certeza que elas terão um efeito significativo sobre nas discussões internacionais. Não posso esperar pelo dia em que, por exemplo, o livro *Passage des Digitalen* (2003), de Siegert, for publicado em inglês - um livro enorme sobre as práticas de sinalização da cultura digital, mas a partir de contextos "pré-digitais". Grandes linhas de conexão são sugeridas, desde práticas de cartografia, colonialismo e contabilidade, até a emergência da lógica moderna e da cultura eletromecânica.

Então, no momento, estou interessado em ver se um cruzamento de algumas das metodologias centradas na mídia, da perspectiva alemã com a teoria política pós-fordista italiana, poderia produzir algo empolgante. Esta é uma generalização grosseira, mas pode-se dizer que, embora os estudos de mídia alemã não tenham demonstrado tanto interesse em questões de capitalismo e trabalho, a teoria política italiana e correlata nem sempre foi capaz de fundamentar sua compreensão das práticas de trabalho e exploração com uma suficiente atenção à mídia. Assim, noções como capitalismo cognitivo poderiam ser historicizadas e lidas em termos culturais de mídia mais detalhados para entender como as técnicas midiáticas realmente mobilizam operações ontológicas e estéticas tão importantes para o que nós, um pouco amplamente hoje em dia, chamamos de "capitalismo cognitivo". Por exemplo, o livro recentemente traduzido de Yann Moulier Boutang, *Cognitive Capitalism* (2012): poderia alguém mobilizá-lo em direção a uma teoria de mídia realmente material? Ou, quem sabe, mobilizar Bifo ou Lazzarato, ou qualquer um que tenha escrito sobre cultura midiática, mas de uma maneira mais generalista do que o estilo estudioso pregado pela mídia alemã. E levar em conta as operações tecno-matemáticas e, de fato, o software e o hardware, que contribuem para sustentar tal fantasma do capitalismo cognitivo e cerebral. Vamos ver se esse trabalho surge como um projeto maior sobre as técnicas culturais do capitalismo cognitivo e afetivo. Se isso acontecer, estou certo de estar mais interessado nos aspectos menos inteligentes do capitalismo cognitivo, o que significa um foco em tópicos de exaustão, repetição, trabalho duro e estupidez.

Além disso, sobre o cruzamento de tradições: são todos híbridos de qualquer maneira. A teoria de mídia alemã nunca foi apenas "alemã". Ela foi preenchida com inspiração, *insights* e linhas paralelas que ressoaram com um contexto mais global: estudos de mídia canadense, filosofia francesa, os gregos e muito mais. Wolfgang Ernst tem interesses nas tradições russas de computação e cibernética. Siegfried Zielinski tem sido um precursor em realmente expandir nossas escavações da história da arte da mídia para direções não-européias - as histórias sul-americanas, árabes e, por exemplo, chinesas, onde a mídia, a arte e as ciências se sobrepõem.

### Referências bibliográficas

APOLLINAIRE, Guillaume. *The Bestiary, or Procession of Orpheus*. Boston: David R. Godine, 1980.

BERARDI, Franco 'Bifo'. *The Soul At Work: From Alienation to Autonomy*. Cambridge, MA: MIT Press, 2009.

CHUN, Wendy Hui Kyong. "Crisis, Crisis, Crisis, or Sovereignty and Networks". In: *Theory, Culture & Society* 28.6, 2011, pp. 91-112.

COMBES, Muriel. *Gilbert Simondon and the Philosophy of the Transindividual*. Cambridge, MA: MIT Press, 2012.

DOLPHIJN, Rick, VAN DER TUIN, Iris. *New Materialism: Interviews and Cartographies*. Ann Arbor: Open Humanities Press, 2012.

FULLER, Matthew. *Media Ecologies: Materialist Energies in Art and Technoculture*. Cambridge, MA: MIT Press, 2005.

KITTLER, Friedrich A. *Discourse Networks, 1800/1900*. Stanford: Stanford University Press, 1990.

\_\_\_\_\_. *Gramophone, Film, Typewriter*. Stanford: Stanford University Press, 1999.

MACHO, Thomas. "Zeit und Zahl: Kalender-und Zeitrechnung als Kulturtechniken". In: Sybille Kramer and Horst Bredekamp (eds.) *Bild-Schrift-Zahl*. Munich: Wilhelm Fink Verlag, 2003, pp. 179-192.

MOULIER-BOUTANG, Yann. *Cognitive Capitalism*. Cambridge: Polity, 2012.

PARIKKA, Jussi. *Digital Contagions: A Media Archaeology of Computer Viruses*. New York: Peter Lang, 2007.

\_\_\_\_\_. *Insect Media: An Archaeology of Animals and Technology*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.



\_\_. *What is Media Archaeology?* Cambridge: Polity, 2012.

PARIKKA, Jussi, HERTZ, Garnet. "Zombie Media: Circuit Bending Media Archaeology into an Art Method". In: *Leonardo* 45.5, 2012, pp. 424-430.

SCHMIDGEN, Henning. *Die Helmholtz Kurven: Auf der Spur der verlorenen Zeit*. Berlin: Merve Verlag, 2010.

SIERGERT, Bernhard. *Passage des Digitalen*. Berlin: Brinkmann und Bose, 2003.

\_\_. "The Map Is The Territory". In: *Radical Philosophy* 169, 2011, pp. 13-16.

WARK, McKenzie. "'Preoccupying', The Occupied Times", 2012. Disponível online: <http://theoccupiedtimes.co.uk/?p=6451>

WILEY, Stephen Crofts. "Spatial Materialism". In: *Cultural Studies* 19.1, 2005, pp. 63-99.